

Fanzine: um estudo em descrição*

Fanzine: a descriptive study

Maria Fabiola Vasconcelos LOPES (UFC/UFMG)
fabiolalopes.ufc@gmail.com

Recebido em: 28 de fev. de 2018.

Aceito em: 14 de jun. de 2018.

*Palestra apresentada nos Colóquios em descrição e análise linguística – CODAL na Universidade Federal do Ceará – UFC, em Fortaleza, em 18 de abril de 2017. O estudo contou com um bolsista FUNCAP e outro UFC.

LOPES, Maria Fabiola Vasconcelos.
Fanzine: um estudo em descrição.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 8, n. esp.,
p. 189–204, set. 2018.

Resumo: Segundo Haubrich e Freitas (2015) as manifestações presentes em uma obra literária, espetáculo teatral ou produção cinematográfica, podem ter impactos nas interações sociais mobilizando sentidos. Nesse âmbito, entendemos que as Fanzines também sejam responsáveis por gerar sentidos que poderão ser aplicados à vida cotidiana, provocando uma determinada atitude nos leitores. Dessa forma, as fanzines inserem um caráter prescritivo embasado em valores deônticos que guiam o discurso dos enunciadores. Assim, objetivamos investigar de que maneira as expressões linguísticas da modalidade deôntica serviram para orientar a conduta em contexto que não ocorre face a face. Os procedimentos metodológicos se dão a partir da análise dos efeitos que os modalizadores deônticos exercem como norteadores do uso da língua na fanzine. Neves (2006) e Palmer (1986) dão suporte ao estudo. Portanto, o aporte teórico é de cunho funcionalista. Os resultados revelaram o uso dos verbos plenos (54,7%), auxiliares (39,1%), os valores de volição (23,7%), obrigação (14,4%) e ordem (11,0%), a não inclusão do falante (64,3%), inclusão (35,7%) e o indicativo (70,2%) nas enunciações. Por fim, esta pesquisa contribui para estudos descritivos de usos autênticos da língua. FUNCAP e UFC apoiaram o estudo.

Palavras-chave: Marcadores deônticos. Uso. Conduta.

Abstract: According to Haubrich and Freitas (2015) the manifestation present in a literary work, stage production or movie production, may have impact in social interactions mobilizing meanings. In this concern, we understand that fanzines are also responsible to generate meanings that could be applied to everyday life causing some attitude in the interlocutors. This way, Fanzines have a prescriptive character based on deontic values that guide the discourse of enunciators. So, we aim at investigating the ways the linguistic expression of deontic modality guided the conduct in a context that does not occur face to face. The methodological procedures are given from the analysis of the effects that deontic markers cause as guiding the use of the language in the fanzine. Neves (2006) and Palmer (1986) give support to the study. Therefore, the theoretical background is based on a Functionalist perspective. The results revealed the use of lexical verbs (54,7%), auxiliaries (39,1%), the values of volition (23,7%), obligation (14,4%) and commands (11,0%), the non-inclusion of speaker (64,3%), inclusion (35,7%) and the indicative (70,2%) in the enunciations. At last, this research contributes to the descriptive studies of authentic uses of language. FUNCAP and UFC gave support to the study.

Keywords: Deontic markers. Use. Conduct.

Introdução

A partir de Haubrich e Freitas (2015) as manifestações presentes em uma obra literária, espetáculo teatral ou produção cinematográfica, podem ter impactos nas interações sociais mobilizando sentidos. Comungando com os autores, é nosso entendimento que as Fanzines (revistas de fãs) também sejam responsáveis por gerar sentidos que poderão ser aplicados à vida cotidiana provocando uma determinada atitude nos leitores.

Assim, o gênero em questão qualifica-se como lugar propício para a identificação de marcadores deônticos que possam contribuir para a construção dos sentidos gerando “[...] teias de significado” (GEERTZ, 2008, p. 4). Segundo Geertz (2008), as teias orientam a conduta daqueles que são por estas, envolvidos. Dessa forma, acreditamos terem as fanzines elevado grau de prescrições que auxiliam na composição das teias de significado.

Ao instaurar um valor deôntico como o de obrigação, por exemplo, a fonte deôntica (de onde emana tal valor) pode ter como ponto de partida as normas legais, morais e sociais. Então, compreendemos tal qual Lyons (1977, p. 825), que noções como de obrigação, podem variar uma vez que são dependentes da cultura e não puramente da linguagem, e devem se correlacionar a crenças institucionalizadas e a crenças de conduta. Com isso implica dizer que, a cultura transmitida em uma obra literária não é a mesma em uma revista como a Fanzine. Também faz-se necessário considerar o período em que a obra ou revista foram escritas.

Nesse âmbito, estabelecemos a questão norteadora de nosso estudo que é investigar de que maneira as expressões linguísticas da modalidade deôntica serviram para orientar a conduta em contexto que não ocorre face a face. A preocupação com o valor argumentativo se deve ao fato de que a modalidade deôntica é usada na interação verbal, em princípio para expressar o ponto de vista do enunciador (NEVES, 2011).

É esperado que os enunciadores na revista orientem a conduta em contextos espontâneos que não se dão face a face. Assim, alguns valores do eixo da conduta serão transmitidos aos fanzineiros leitores, por meio do discurso dos excertos das fanzines. E sendo a modalidade um aspecto linguístico que está diretamente ligado à construção de relações sociais, cujo comprometimento com o que se diz pode ocorrer ou não, o estudo contribui para o entendimento de como o discurso é ativado em um texto em que não ocorre interação direta, por exemplo, do tipo professor-aluno, seja ele escrito ou oral.

A motivação em realizar o estudo se deve ao fato de desconhecermos investigação sobre modalidade deôntica em fanzines. E nos intriga conhecer esse universo enquanto relacionado aos temas diversos e possíveis de serem abordados nas referidas publicações envolvendo o gênero. Por esse motivo, concentramo-nos, por ora, nas publicações cujas características se voltam para as fanzines.

Acreditamos serem as fanzines um campo adequado ao melhor entendimento sobre modalidade em contextos espontâneos que não se dão face a face. Consideramos compreender o que mais essa instância de *corpus* representa. Interessa-nos saber que traços caracterizam essa representação. Seria uma conduta repressiva, responsável? Queremos saber o que corrobora e o que se modifica na orientação de conduta nas revistas escritas por fãs. Também, sabendo que os temas de tais revistas são exclusivos e escritos por pessoas sobre um tema escolhido pelo enunciador, torna-se relevante indagarmos sobre como se apresenta a questão do distanciamento ou não do enunciador. Dessa forma, tendo em vista o conjunto de efeitos que a modalidade deôntica pode trazer nessa instância em particular das fanzines, alguns conceitos como o de modalidade bem como os valores deônticos (PALMER, 1986), além de Neves (2006), Verstraete (2004), dentre outros, serão operacionalizados.

O objetivo geral traçado para o estudo foi verificar de que maneira as expressões linguísticas da modalidade deôntica serviram para orientar a conduta em contexto que não ocorre face a face nas revistas escritas por fãs, tentando entender as tensões geradas no gênero com base nos

estudos linguísticos que se preocupam com as opções significativas que envolvem os sentidos deônticos veiculados dentro do texto. A partir daí, procuramos atrelar tais estudos “[...] considerando de modo integrado, aspectos formais, semânticos, e discursivos da manifestação desses domínios na interação verbal” (NOGUEIRA, 2011, contracapa).

Concepção de modalidade

A modalidade com base em Koch (2002, p. 86), permite marcar a distância entre o que se produz e o que é dito. Já Palmer (1986), define modalidade como a expressão da subjetividade do falante em relação ao que diz.

A modalidade deôntica, por sua vez, está associada à necessidade ou possibilidade dos atos realizados por agentes moralmente responsáveis (LYONS, 1997, p. 823). Tais atos se caracterizam pela intersubjetividade do contexto de interação social no qual se insere o nosso estudo. Assim, considerando esse contexto a pesquisa constitui uma avaliação da modalidade deôntica nos excertos extraídos das fanzines que se voltem para orientação de condução e cujo foco é a composição dos sentidos.

Antes de prosseguirmos, cabe ressaltar que alguns estudos se voltaram mais recentemente para a modalidade em gêneros distintos, como Batista (2015), que investiga a modalidade nas construções do discurso que revelam valores da era vitoriana no gênero literário drama. Já Carvalho (2016), concentra-se no tratamento da modalidade no gênero série televisiva abordando o discurso profissional de médicos na série. Porém, há ainda lacunas no entendimento da modalidade deôntica na caracterização da conduta envolvendo contextos autênticos de uso nos estudos apontados, já que ambos os estudos se voltam para contexto não espontâneo. Ou seja, são criados (peça) ou pré-fabricados para irem ao ar e obter audiência (série).

Diferentemente, Lopes (2012) apresenta um estudo da modalidade no gênero aula de língua inglesa como língua estrangeira, ministrada em português. A autora fornece uma proposta tipológica para compreensão dos graus de persuasão (fraca, forte e normal) em sala de aula a partir dos diferentes contextos de uso, em especial o dos modais. Contudo, o contexto da aula se revela bem diferente do da fanzine. Podemos dizer que o da sala de aula “[...] privilegia a natureza funcional interativa” (MARCUSCHI, no prelo) entre interlocutores face a face, como no caso aluno-professor. Já no caso da fanzine, o interlocutor não se faz presente diretamente, mas é esperado que este tenha uma determinada conduta haja vista que a fanzine atinge múltiplos leitores.

Retomando a questão da modalidade, entendemos tal qual Cunha, Bispo e Silva (2014, p. 93), assim como outros fenômenos, que a modalidade não consiste em uma categoria estanque haja vista que a modalidade é analisada em termos de escalaridade, sendo várias as suas conceituações.

“A modalidade deôntica está relacionada com obrigações e permissões” (NEVES, 2006, p. 160). Segundo Palmer (1986), modalidade diz respeito às atitudes e opiniões do falante. De acordo com Mainguenu (1990, p. 180), a modalidade está associada à “relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado”. Tal definição é destacada por Neves (2006) como uma das que mais se aproximam do linguístico e se distancia dos estudos da lógica que foram os responsáveis por iniciar as discussões da área desde a Era Clássica. O distanciamento dos estudos da modalidade linguística frente aos da lógica é evidenciado pela marca de subjetividade e não-factualidade (PESSOA, 2007), uma vez que, ao modalizar, o sujeito imprime traços pessoais em sua proposição e se relaciona com ações passíveis que ocorram.

No que se refere aos tipos de modalidade, destacam-se: a alética, relacionada à verdade nos enunciados; a epistêmica, que está atrelada ao eixo da crença ficando mais especificamente no campo das incertezas; e por fim, a deôntica, que se liga ao eixo da conduta (deveres e obrigações).

É a modalidade deôntica que servirá como base para a investigação e análise do gênero fanzine. Dessa forma, as relações de ordem, permissão e possibilidade que Palmer (1986; 1990), Lopes (2012), Neves (1996), dentre outros, apontam estarem relacionadas a esse tipo de modalidade serão nosso norte na investigação dos diferentes enunciados no gênero escolhido. Portanto, o estudo é de base funcionalista.

Palmer (1986) apoia-se na *Teoria dos Atos de Fala* para fundamentar a modalidade deôntica. Assim, considera a modalidade entendida sob os atos de fala de Searle (1976). São eles: diretivos (que dizem respeito a levar o ouvinte a realizar algo), os comissivos (relacionados ao comprometimento do falante em executar uma ação), os volitivos (quando se exprime desejos) e comissivas atreladas ao não comprometimento em fazer algo. As avaliativas (dizem respeito à atitude do falante frente ao que ele admite verdadeiro), que Palmer diz algumas vezes poderem ser entendidas como deônticas, são discutidas por Pessoa (2007), no sentido que a essas faltam os traços subjetividade e não-factualidade, o que a faz excluí-las do âmbito deôntico. Tais discussões tipológicas evidenciadas por Palmer nos permitem fazer a distinção das sentenças deônticas dentro dos textos das Fanzines.

Destacamos, ainda, que a modalidade deôntica é expressa não somente por meio de verbos (auxiliares ou plenos), mas também por substantivos, expressões perifrásticas, adjetivos, etc. Outro ponto de ênfase é a plurissignificação dos verbos auxiliares como poder e dever que ora podem ser entendidos como deônticos, ora como epistêmicos. Isso faz com que uma abordagem de cunho funcional seja adotada na pesquisa, pois o contexto é de suma importância para a análise do tipo de modalidade encontrada nos variados excertos.

Consideramos os enunciados marcados deonticamente para que possamos encontrar marcas de identificação das sentenças que asseverem ou atenuem a força ilocucionária das expressões.

Procedimentos metodológicos

Como processo sistematizador do estudo seguimos as seguintes etapas:

- 1) leituras dirigidas da literatura seguidas de discussões;
- 2) seleção da fanzine;
- 3) triagem dos excertos que continham modalizadores deônticos;
- 4) análise quanto aos valores;
- 5) categorização da manifestação;
- 6) categorização dos modos;
- 7) inclusão ou não do enunciador;
- 8) classificação de marcas da asseveração e atenuação;
- 9) geração dos gráficos com percentuais;
- 10) discussão dos resultados.

As categorias de análise trabalhadas foram as sintáticas, dentre as quais destacamos as formas de expressão tais como verbos auxiliares modais, verbos plenos, advérbios, adjetivos em posição predicativa, substantivos, e desinências verbais. As semânticas envolvem os valores deônticos que expressam obrigação, permissão e proibição. E a pragmático-discursiva contempla tanto as marcas de asseveração que aumentam a força de um ato de fala por meio do uso de performativos e/ou repetição, etc. quanto as marcas de atenuação que reduzem a força ilocucionária de um ato de fala, por exemplo, como o uso do tempo verbal (futuro do pretérito).

Quanto ao tipo de fonte, identificamos o enunciador. Já no que se refere ao alvo deôntico, identificamos os leitores e o enunciador. E para a análise da postura em relação ao valor deôntico, foi observada a inclusão ou a não-inclusão do enunciador.

Da seleção do *Corpus*, foi selecionada a fanzine Aliteração que é produzida pelos estudantes de Letras da Universidade Federal do Ceará, sendo o vasto uso da escrita um fator determinante na escolha desse material. Ressaltamos que em algumas fanzines o destaque é dado aos desenhos e colagens.

Foram analisados 115 enunciados com marcas deônticas, ou seja, que em algum grau se relacionam com o nível de conduta presente em quatro edições da fanzine Aliteração.

A fim de expor as expressões deonticamente modalizadas, apresentamos na discussão, simultaneamente, os contextos de uso e os comentários dos efeitos de sentidos produzidos.

É importante também destacar que o estudo contou com dois bolsistas, um bolsista FUNCAP e um outro, voluntário UFC. Em virtude de nossa pesquisa se debruçar sobre uma investigação linguística de orientação funcionalista, expomos que um tratamento funcionalista prima por considerar as expressões linguísticas em uso. Dessa forma, trilhamos dois caminhos, um focalizando as expressões linguísticas e outro, os aspectos sintático-semântico-pragmático discursivos. Contudo, vistos integradamente, mas que para efeitos de estudo precisaram inicialmente serem categorizados a parte. Tais bolsistas foram responsáveis cada um, por um eixo que se unificou posteriormente.

Caracterização das Fanzines

A fim de apresentarmos o estudo desenvolvido, caracterizaremos primeiramente as fanzines. A palavra fanzine vem da expressão *fanatic magazine*: fan(atic) + (maga)zine tendo como abreviatura “zine”. Com o passar dos anos, o termo passou a ser entendido popularmente como o nome para um periódico que contenha diferentes “peças” de escrita.

As fanzines ou revistas de fãs foram geradas na década de 30, sendo criadas para não serem comercializadas. É notório que tal gênero ainda resista ao tempo tendo crescente circulação e atraindo cada vez mais os jovens da atualidade. E por esse motivo, chama-nos a atenção esse gênero ainda ser pouco investigado. Nesse sentido, achamos pertinente um estudo que se preocupe com o gênero em questão. Então,

tentamos entender os valores bem como as intencionalidades presentes nos enunciados que perfazem essa produção.

As revistas são autopublicadas com pouquíssimas tiragens e normalmente são xerocadas. O público-alvo tem interesses muito específicos, sendo algumas revistas longas como um livro. A fanzine selecionada se enquadra nesse formato.

Para perceber de que forma se organizam as fanzines é importante estabelecer o seguinte:

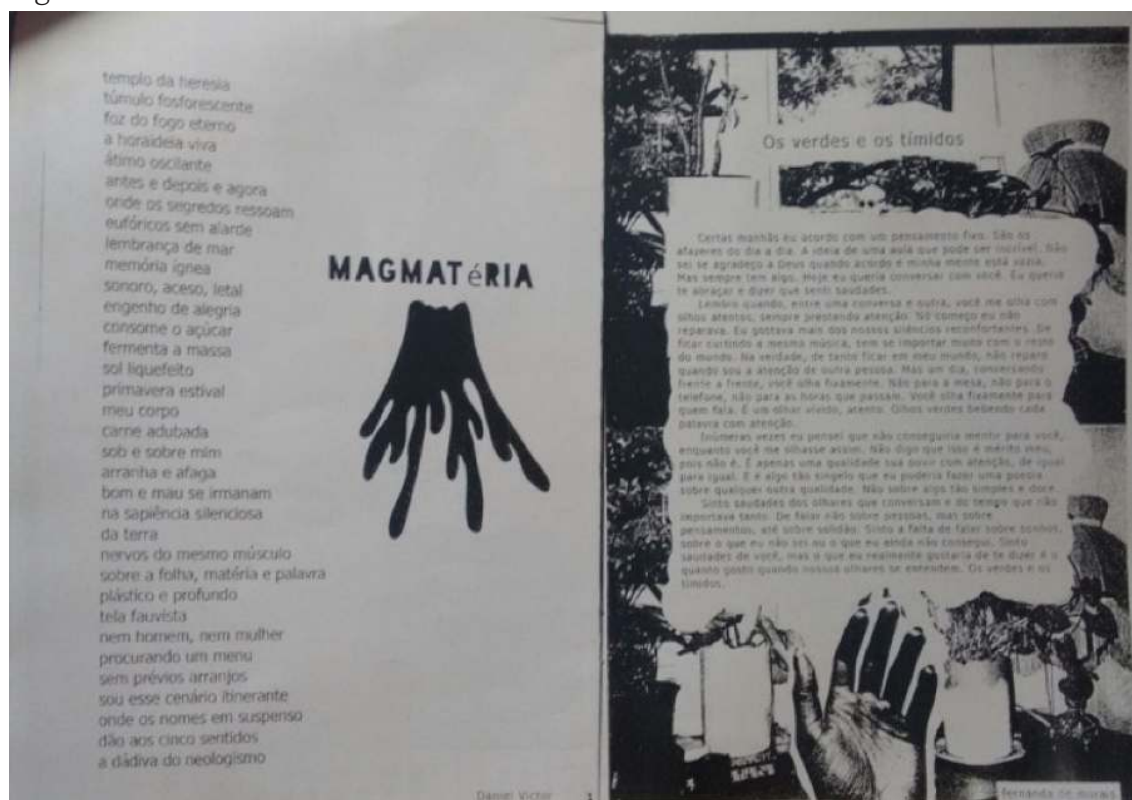
- a) podem se apresentar em forma de parágrafo, em bloco com versos, com pequenas sentenças, dentre outras;
- b) podem conter gravuras;
- c) podem não ser numeradas, pois não seguem um padrão rígido;
- d) podem não ter fins comerciais.

Os editores de fanzines produzem trabalhos que vão desde literatura à ficção científica, ao cotidiano, à vida diária. Contudo, haja vista uma diversidade de assuntos, a grande maioria das revistas apresenta muitas características em comum quais sejam:

- a) ênfase na autonomia e na independência;
- b) na relação de conflitos.

A figura 1 ilustra a caracterização da Fanzine:

Figura 1 – Fanzine



Fonte: Aliteração. [S. l.]: [s. n.], 2015.

Discussão e análise

Uma vez que as fanzines se tornam cada vez mais próximas dos jovens na atualidade, entendemos que o estudo aqui arrolado sirva para prestigiar “[...] a norma linguística que [...]” um usuário (termo empregado pela autora do estudo) “[...] domina e que é seu instrumento básico de expressão e de comunicação” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2014, p. 83). Contudo, é importante frisar que o exíguo espaço apresentará um recorte da investigação.

A partir do estudo foi possível observar que os verbos plenos e auxiliares foram responsáveis pela alta ocorrência da manifestação deôntica na representação da orientação de conduta nas revistas escritas por fãs. Obtivemos 54,7% de verbos plenos e 39,1% de verbos auxiliares. Apresentaremos, na sequência, alguns excertos extraídos da fanzine. Contudo, é preciso mencionar que os excertos aqui analisados e ilustrados não possuem numeração de página. Como já dito, tal característica de não ser numerada pode ocorrer nas produções das fanzines. Assim, nos debruçamos sobre o exemplo a seguir.

- (1) Vamos fazer um 2016 sem tantas crônicas diárias.

Nesse excerto, a modalidade deôntica é expressa por meio do verbo auxiliar “ir” conjugado na primeira pessoa do plural. Com o uso de “vamos” o enunciador se inclui no que profere de maneira que, em alguma instância, convoca outros, encorajando-os a realizar determinada ação. Tem-se o valor exortativo (0,9%), em que o enunciador deixa a obrigação menos pessoal e subjetiva funcionando como uma sugestão ou conselho e sem a necessidade de apontar claramente um alvo.

Já no caso (2), é possível observar que há uma ordem expressa a partir do verbo pleno no modo imperativo. Assim, o que está posto deve ser aplicado às práticas cotidianas daqueles que terão acesso aos textos da Fanzine; os leitores. Vê-se aqui apontada uma regra de conduta.

- (2) Seja o paraíso de alguém.

Em se tratando dos valores, o fragmento (3) traz a volição, ou seja, o ato de querer ou desejar algo a alguém. A partir de Dubois (2001, p. 414 *apud* SILVA, 2012, p. 52) O verbo “querer” marca uma tensão máxima quando o enunciador deixa sua marca de ação sobre o outro. Isso é comprovado na revista quando o verbo auxiliar “querer” modaliza o ato de queimar transformando-o em uma vontade de atear fogo em todas as bandeiras.

- (3) Queremos queimá-las. Todas as bandeiras.

No exemplo (4), por sua vez, nota-se o segundo valor mais frequente nas fanzines analisadas, a obrigação. Nessa circunstância, entendemos ocorrer uma atenuação da ordem, haja vista que espera-se uma conduta de algum ser ou entidade. Porém, não há um nível autoritário marcadamente presente. Entendemos pois que, a obrigação no sentido moral, interna, tal qual apontada por Neves (1996) se instaura. Assim, a partir do excerto entendemos haver uma orientação comportamental.

- (4) Ele deve ouvir e fazer-se ouvir, de forma democrática, excluindo todo tipo de extremismo

Primeiramente, o pronome pessoal “ele” em (4) diz respeito a veículos de expressão artística criado pelos alunos, como é o caso da Aliteração. Como verificamos, existe uma recomendação no sentido moral que é marcada pelo verbo auxiliar “dever” verbo pleno, indicando o que é indispensável a um veículo transmissor de arte. Tal atitude é vista sob a perspectiva do entrevistado autor da assertiva. Dessa forma, há uma norma de conduta a ser seguida.

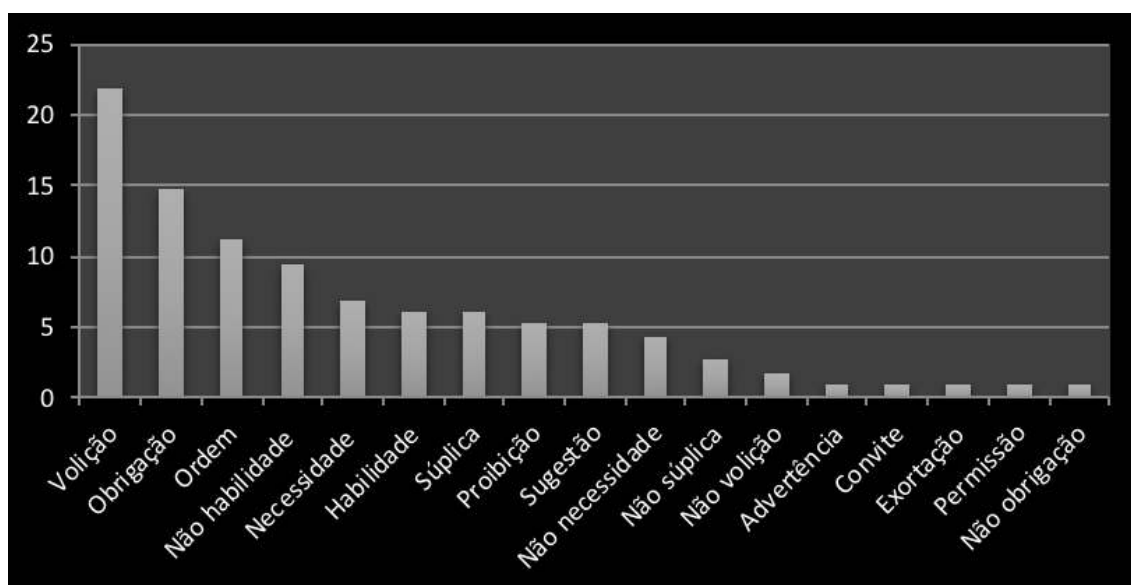
O item (5) ilustra a terceira maior ocorrência dentre os valores contidos nas Fanzines, a ordem, que está atrelada às diretivas discutidas por Palmer, já que se espera o cumprimento do que se diz por parte do ouvinte:

- (5) Digam-me: o que aquele barco, um segmento de circunferência, tem a ver com o mar?

O verbo “dizer” conjugado no modo imperativo impõe uma ordem a quem o enunciador se dirige. Nesse caso, o falante quer um esclarecimento sobre a relação existente entre o barco e o mar, mas, ao invés de solicitar uma explicação usando a volição, o enunciador faz uso do imperativo de forma a acentuar o seu pedido, empregando certo grau de autoritarismo. Assim, é esperado um determinado comportamento do leitor, uma vez que é este quem irá refletir e dizer algo sobre o questionamento feito. Nesse caso, tal qual apontou Geertz (2008), o enunciador tenta envolver os interlocutores na teia de significados.

O gráfico 1 reúne os valores encontrados no estudo.

Gráfico 1 – Valores deônticos na fanzine



Fonte: Elaborado pela autora.

Nos excertos (6) e (7) nos concentramos na inclusão e não inclusão do enunciador na sua enunciação. No primeiro caso, ocorre o distanciamento do falante em relação ao que declara, sendo esse tipo o mais recorrente.

(6) Respeitem minha arte!!

Tal distanciamento em relação ao que diz reflete um enunciador que se exclui do cumprimento de determinado valor deôntico. Dessa feita, em (6), a ordem imposta pelo falante recai sobre outras pessoas, implicando que são os demais que devem respeitar a arte do falante, haja vista que no nosso entendimento, quem faz a arte, a respeita. Reforça-se aqui que tal conduta deve ser acatada (respeitar a arte). E mesmo não tendo o interlocutor face a face cria-se a expectativa de que a ação será realizada por outro.

Por outro lado, em (7) observamos a inclusão do falante.

(7) Quero ser feliz

Ao manifestar o desejo de ser feliz, o enunciador é alvo do seu desejo, pois ele traz para si o valor volitivo expresso na sua declaração. Um outro caso de inclusão foi o comentado em (1) a partir do valor exortativo. Nesse caso, o enunciador se inclui na ação juntamente com as pessoas a quem se direciona a ação, de maneira a encorajá-las a realizar determinada ação, sendo o uso de “vamos” a forma mais recorrente.

No que diz respeito aos modos verbais, o mais usual dentro do material analisado foi o indicativo que se encontra exemplificado em (8):

(8) Outro evento é uso dos banheiros, pois o banheiro masculino, mas, ao encontrar algum homem que conhece meu nome de registro, preciso explicar minha condição.

Como é observado, o indicativo traz um fato. No contexto, esse fato está relacionado a pessoas transgêneras que sempre precisam esclarecer a sua condição e o porquê de estarem fazendo uso daquele banheiro. A necessidade de explicar a constante situação é então compartilhada, servindo de alerta para a questão, uma vez que a revista alcança múltiplos leitores. Mais uma vez percebemos por meio do verbo “precisar” o comportamento esperado do leitor. O texto é pois, construído como se o enunciador dialogasse com o interlocutor.

O imperativo, por sua vez, figurou a segunda maior ocorrência de modos verbais, sendo ilustrado em (9):

- (9) Para Tchekhov, se você não vai usar a pistola, não a inclua no conto.

O modo imperativo em (9), que está relacionado à ordem, encontra reforço já na sentença anterior, criando o valor de proibição e conseqüentemente, sinalizando regras de normatização de conduta.

O subjuntivo foi bem menos frequente e se encontra em (10):

- (10) Queria que fosse assim também o meu chorinho: que ele pudesse pintar nós dois em uma fotografia.

Abrindo o excerto, o enunciador faz uso do indicativo expressando um desejo. Tal qual destaca Palmer (1986), a modalidade deôntica é caracterizada como “contendo um elemento de desejo” (PALMER, 1986, p. 96 tradução nossa¹). Alguns autores como Verstraete (2004) e Lopes (2012), comungam com o mesmo pensamento e atrelam o traço de desejabilidade ao de subjetivo. Nesse entendimento da modalidade destacamos também Batista (2015, p. 68), que interpreta [...] “o traço da desejabilidade de ações associada ao comprometimento do falante com a desejabilidade do estado-de-coisas (EC) descrito em seu enunciado” a partir dos autores supracitados. Assim sendo, entendemos ser possível considerar a volição (desejo) dentro da modalidade deôntica. Para o nosso excerto aqui ilustrado, o enunciador informa como deseja que fosse o chorinho que este almeja. Na sequência, o subjuntivo é utilizado de maneira a expressar uma possibilidade, algo que não aconteceu, mas que é desejado daquela forma. Nesse caso, que o chorinho do compositor o pintasse assim, como também pintasse sua amada em uma fotografia; ou seja, que o chorinho representasse o casal. Novamente, surge a prescrição.

As marcas de asseveração (7,8%) e atenuação (2,6%) se revelam no estudo. Tais marcas estão atreladas aos meios linguísticos que interferem na força ilocucionária das enunciações, como é observado em (11) e (12):

- (11) Veja bem, tudo é uma questão de lógica. Deixe-me explicar.
(12) Encontrava-me por favor, concordem – assaz desocupado para perder a tarde de sábado em uma praia.

¹ [...] ‘containing an element of will’ (PALMER, 1986, p. 96).

Em (11), o advérbio “bem” dá ênfase ao verbo “ver”, sendo o leitor incitado por quem fala a observar determinada situação melhor; ou seja, de forma mais apurada. Dessa forma quem profere a sentença, assevera a obrigação de ver a situação analisada. Tal atitude é imposta pelo enunciador. E, embora o enunciador não esteja lado a lado com seu leitor, percebe-se um enunciador que dialoga com o interlocutor.

Em (12), “por favor” atenua a força do verbo “concordem” no imperativo. Dessa maneira, o que poderia ser entendido como uma ordem passa a ter um sentido mais ameno. O que ocorre nesse caso é mais uma súplica, uma vez que não é imposto aos leitores que concordem, mas solicitado a eles de maneira a esperar que os interlocutores concordem.

Diante do exposto, podemos concluir que estudos linguísticos que se voltem para análise de textos como aqueles por meio da modalidade, podem servir para o entendimento das relações de sentido presentes nos diferentes enunciados como os proferidos na fanzine *Aliteração*, e, por conseguinte, entendermos diferentes tipos de gênero textual em contextos variados, sejam eles espontâneos face a face ou não. Vale destacar também que a modalidade deôntica serviu para a compreensão dos diversos valores deônticos a partir de Palmer (1986; 1990) e das marcas de asseveração e atenuação baseadas em Lopes (2012), da manifestação segundo Neves (2006), bem como da inclusão e não inclusão do enunciador e dos modos verbais, e configuraram mecanismos importantes para os estudos que concernem à conduta no gênero fanzine.

Considerações finais

Apartir do estudo percebemos que em publicações de revistas como as fanzines, fica evidente a orientação de conduta. A orientação sobre o que constitui o caráter mandatório é visível e sob responsabilidade do enunciador. Dessa forma, o uso dos modalizadores deônticos constitui, particularmente na revista de fãs aqui considerada, a materialização linguística de uma prescrição que permeia o campo das obrigações.

Dessa forma, de acordo com o grau de engajamento foi possível determinar algum tipo de imposição transmitida por quem enuncia aos fanzineiros leitores. A partir dos dados revelados acerca do valor de volição (23,7%), vimos por meio da desejabilidade que algo pode ser imposto ao interlocutor. E atrelado ao valor de obrigação (14,4%), seguido da ordem (11,0%), os três valores citados contabilizaram mais da metade de valores que se dão no eixo da conduta (51,0%). Dessa maneira, a volição prevalece em gêneros textuais que não se dão face a face.

O imperativo (19,3%) e o subjuntivo (10,5%) se deram em menor proporção. Assim, o indicativo predominou (70,2%) e é usado muitas vezes, para compartilhar fatos. Entendemos então, que há no gênero textual fanzine uma expectativa de diálogo entre enunciador e interlocutor. É esperado que este último adeque os sentidos construídos a partir do gênero às suas práticas sociais.

Diante do exposto, uma das formas que acreditamos ser eficaz para que se compreenda de maneira mais apurada diferentes gêneros textuais seria trabalhar questões atrelando estudos “[...] a questões linguísticas com base em seus propósitos discursivo-pragmáticos, vinculados a práticas sociais situadas [...]” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2014, p. 84), relacionando tais estudos à modalidade. Pesquisas dessa natureza procuram dar conta das relações de sentidos presentes tanto nas produções orais quanto nas escritas.

Acreditamos que a análise dos valores deônticos e suas manifestações contribuam tanto para a interpretação de opções significativas bem como na orientação de conduta que podem revelar elevado ou baixo nível de engajamento por parte do enunciador em textos que não se dão face a face, como é o caso da fanzine Aliteração.

Por último, dentro de uma dimensão de análise funcional destacamos a importância de estudos linguísticos que focalizam os gêneros textuais. Por fim, corroboramos com Marcuschi (no prelo) que diz “[...] que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia”.

Referências

ALITERAÇÃO. [S. l.]: [s. n.], 2015.

BATISTA, R. U. **A modalidade deôntica como expressão de valores vitorianos na peça *Lady Windermere's Fan***. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CARVALHO, L. O. de. **A modalidade deôntica em discurso profissional na mídia televisiva**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J.R. Linguística funcional centrada no uso e ensino do português. **Gragoatá**, Niterói, v. 19, n. 36, p. 80-104, 2014.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAUBRICH, G.; FREITAS, E. C. de. Cultura e organizações: A atividade de trabalho em editoriais de jornal de empresa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 39, jul./ago. 2015, p. 89-91.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, M. F. V. **Gramática de significados**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

_____. **A modalidade deôntica na aula de inglês ministrada em português**. 2009. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LYONS, J. **Semantics**. New York: Cambridge University Press, 1977.

MAINGUENEAU, D. **Éléments de linguistique pour le texte littéraire**. Paris: Bordas, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociodiscursivas**. São Paulo: Cortez. (no prelo)

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. (Org.). **Descrição do Português II**. Publicação do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, ano V, n. 1, Unesp – Campus de Araraquara, 1991.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. V. (Org.). Gramática do português falado. **Desenvolvimentos**, Campinas: UNICAMP/FAPESP, São Paulo, v. 6, 1996, p.163-199.

NOGUEIRA, M. T. Modalidade e argumentação. In: NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M. F. V. (Org.). **Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. London: Cambridge University Press, 1986.

_____. **Modality and the English modals**. London: Longman, 1990.

PESSOA, N. P. **Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, J. M. da. Modo, modalidade, modalização: autonomia semântico-discursiva em expressões verbais. **Revista Prolíngua**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2012, p. 41-58.

VERSTRAETE, J. The problem of subjective modality in the Functional Grammar model. In: GONZÁLES, M. A. G.; MACKENZIE, J. L. (Ed.). **A new architecture for Functional Grammar**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2004.